

## Contributos soltos para a análise das Estruturas de Poder na Universidade

Quando iniciei a minha actividade científica, quinze anos atrás no IST, existiam 2 Catedráticos de Química com Doutoramento. Por essa altura chegaram do Estrangeiro, um punhado de doutorados, que aproveitando as condições favoráveis na altura criadas, nomeadamente no Complexo Interdisciplinar, conseguiram, em meia dúzia de anos, impôr-se à velha geração de Catedráticos. Neste momento são eles que detêm as estruturas do Poder. Será que aprenderam com os erros dos seus antecessores? Um pouco sim, mal de nós, e um pouco não, como vamos tentar provar.

Em meados da década de setenta o número de doutorados era mesmo assim exíguo, e a nova geração não tinha ainda agarrado as rédeas do Poder. Para o conseguir a actual geração de Catedráticos teve de gerir dois movimentos contraditórios. Por um lado apoiou-se nos Jovens Doutores que se iam forjando, com o auxílio dos quais tomou o poder. Actualmente, tenta destacar-se dessa massa, a fim de consolidar a sua posição. É sobre este último fenómeno, que este escrito se detém.

Alguns anos atrás ser Professor Auxiliar era pertencer automaticamente às esferas dirigentes. Significava ter a liberdade de construir a sua própria investigação, o seu próprio grupo. Em suma ser um par do Reino. À medida que a inflação de doutores tomou conta da Universidade, os outros Professores trataram de depreciar o estatuto e função dos Auxiliares. É vulgar ver classificar os Professores em Auxiliares e Associados + Catedráticos, reservando para os últimos o estatuto de Professores verdadeiros. Não é preciso ser futurologista para prever que daqui a alguns anos, os Catedráticos se destaquem dos Associados, quando o peso do número dos Auxiliares obrigar a existirem mais e mais Associados.

Os Professores Associados + Catedráticos, estão a meu ver a gastar demasiadas energias nas questões de poder e possivelmente menos na investigação séria e desinteressada. A Universidade não deve ser um conjunto de Príncipes (os Catedráticos), Senhores feudais dos Reinos, Grupos de Investigação e Grupos de Disciplinas. Um catedrático nem sempre é um Professor com mais provas dadas. Infelizmente alguns deles ainda têm menos curriculum (falo de curriculum sério), do que alguns dos seus pares Associados e mesmo Auxiliares. Um Catedrático é um Professor que teve boas aberturas na estrutura do Poder. Com isto quero dizer que ser Professor Catedrático ou outra coisa qualquer, inclusive Doutor não dá necessariamente garantia de ser melhor pedagogo, investigador, orientador, trabalhador... útil, independentemente do facto de até o ser. Ser ou não ser Catedrático depende do espaço tempo...

O exemplo da Itália onde existem dois tipos de Professores, Catedráticos e Associados é paradigmático. Logo que o Governo proporcionou condições para os Associados gerirem o respectivo bolo da investigação o salto qualitativo surgiu. É por isso que não devemos querer voltar às antigas estruturas de poder, do final da década de 60. Os Catedráticos actuais querem consolidar a sua posição, o que é legítimo e fonte de progresso. «Mas não como um eucalipto que cresce sugando tudo à volta, reduzindo a concorrência por meios administrativos» — não dando acesso a espaços, verbas, poder de gestão, depreciando os Jovens

Doutores — mas crescendo com, levando os seus colaboradores cada vez mais alto e subindo com eles.

Talvez introduzisse aqui o conceito de «solidariedade simbiótica». Será uma solidariedade em que o solidário mais forte também ganha, para além do prazer de fazer o bem!...

O perigo da atitude contrária é a curto prazo, cristalizar a investigação, **nestes Catedráticos** e não permitir aos novos pretendentes um lugar ao Sol.

Que o leitor atento não veja neste escrito um obscura intenção de querer «igualitarizar» tudo e todos. Há lugar para cada elo da hierarquia. Só que com o pretexto de, anos atrás, se haver depreciado as hierarquias, estamos a caminhar para o poder absoluto dos vértices da pirâmide. E isso não é bom para ninguém, nem mesmo para os vértices.

É preciso renovar, dar espaço aos Jovens Doutorados. Se um responsável por um grupo de investigação, usa mão-de-obra de Assistentes, terá de se responsabilizar pelo novo doutorado, que forjou, dando-lhe espaço de manobra, se não conseguir «correr com ele» do lugar onde se doutorou. A outra alternativa é usar mão-de-obra de bolsiões, sem vínculo à Universidade...

Desde que um Doutoramento dê provas de maturidade científica e isso pode ser analisado através do curriculum, a sua Faculdade tem obrigação de lhe dar «um canto onde cair morto». Os Catedráticos têm de competir com os Associados e Auxiliares. Não podem arredar da corrida, os seus pares, deixando-os sem sapatos para correr, ou completamente nus, porque a segurança do estádio não permite desses abusos... E muitos Auxiliares não têm receio nem complexos na competição, se não for possível a colaboração construtiva.

Cada Professor, responsável por grupos de investigação deveria criar as condições para que os seus colaboradores o contestassem. É o segredo de se manter vivo, tenso, com a necessidade de provar a cada momento que não é por acaso que se é o «leader» do grupo. Caso contrário é inevitável o acomodamento. E nada melhor para embalar a chegada desse dia, que o exercício do Poder.

Há que aprender com os Catedráticos que estão vivos, activos e produtivos, a deixar sementes, a fazer escola, a dar prestígio à Universidade.

F. Pina